

A vingança da peroba e os danos ambientais do Brasil rural

por Aline Mendonça — especial para o jornal Tribuna Análise literária e ambiental que conecta o conto “A vingança da peroba”, de Monteiro Lobato, com problemas reais de exploração florestal, perda de biodiversidade e desvalorização cultural no campo brasileiro.

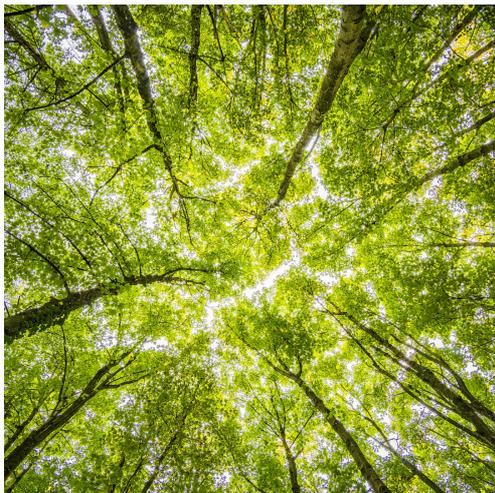


Imagem: Domínio Público

Análise contextual de Monteiro Lobato.

Num pequeno raio de madeira partido e seco, Monteiro Lobato plantou, em Urupês, uma história sobre o encontro conflituoso entre homem e natureza. “A vingança da peroba” pode ser lida hoje não só como ficção regionalista, mas como um espelho — e um aviso — sobre impactos ambientais que permanecem atuais: desmatamento, degradação do solo, empobrecimento ecológico e o esvaziamento do patrimônio cultural ligado à floresta.

Ironias ao Colonialismo cultural e ao progresso

No universo de Urupês, Lobato retrata personagens e paisagens do interior paulista, oferecendo críticas e ironias ao colonialismo cultural e ao progresso sem reflexão. A peroba — árvore de grande porte e valor para a construção — é mais do que um cenário: é agente simbólico. Quando o texto trabalha a “vingança” da árvore, ele toca no tema da reação da natureza frente ao uso predatório do homem. Essa dimensão simbólica facilita uma leitura ambiental contemporânea: a natureza responde (direta ou indiretamente) às ações humanas, e essa resposta costuma ser medida em perda de serviços ecossistêmicos e aumento de riscos socioambientais..



Imagem: Domínio Público

Impactos ambientais articulados ao conto

1. **Desmatamento e perda de espécies** — A extração de árvores nobres como a peroba historicamente alimentou a economia local, mas também reduziu cobertura florestal e habitat. A retirada contínua de árvores altera a estrutura do ecossistema, diminuindo a diversidade de plantas e animais, e fragilizando cadeias alimentares locais.
2. **Degradação do solo e recursos hídricos** — Árvores de grande porte atuam na retenção de solo e na regulação do ciclo da água. Seu corte acelera a erosão, reduz a infiltração de água e aumenta a variabilidade hídrica: secas mais severas e enxurradas repentinas se tornam mais prováveis.
3. **Perda de serviços ecossistêmicos** — Florestas fornecem serviços essenciais: polinização, sequestro de carbono, regulação climática e recursos não madeireiros que sustentam comunidades rurais. A exploração predatória tende a transformar esses bens comuns em escassez.
4. **Impactos socioeconômicos e culturais** — A derrubada e a mercantilização de espécies valiosas empobrecem comunidades tradicionais e quebram vínculos culturais com a paisagem — um tema presente em Lobato, que mostra as relações simbólicas e práticas entre moradores e natureza.
5. **Conflitos e externalidades** — A “vingança” narrativa pode ser interpretada como metáfora de conflitos reais: disputas pelo uso da terra, degradação que alimenta migração rural-urbana, e problemas de saúde pública ligados a saneamento e qualidade ambiental.

Do conto à realidade: exemplos e continuidade histórica.

Embora Urupês seja uma obra do começo do século XX, o padrão histórico que ela evoca — **aproveitamento intensivo de madeira, abertura de terras para pecuária e monoculturas, e pouca regulação ambiental** — acompanhou o Brasil por décadas. Em muitos territórios, a substituição de florestas por pastagens e plantações causou declínios de fauna e flora locais, comprometendo modos de vida

tradicionais que Lobato descreveu com ironia e ternura.

O que fazer hoje? lições práticas inspiradas pela leitura

Preservação e manejo sustentável: incentivar o manejo de florestas nativas e o uso sustentável de espécies madeireiras, com planos de manejo que garantam regeneração. **Restauração ecológica:** promover programas de reflorestamento com espécies nativas para recuperar serviços ecossistêmicos perdidos. **Valorização cultural:** apoiar iniciativas que reconectem comunidades locais a saberes tradicionais sobre o uso da floresta, transformando cultura em instrumento de conservação. **Políticas públicas e fiscalização:** fortalecer legislação ambiental e mecanismos de fiscalização que desestimulem extração ilegal e incentivem cadeias produtivas sustentáveis. **Educação ambiental:** usar literatura regional como porta de entrada para discussões nas escolas e projetos comunitários.

Conclusão

“*A vingança da peroba*” não é apenas uma peça do cânone regionalista; é um alerta literário cuja relevância ecoa nas florestas reais do Brasil. A “*vingança*” que Lobato imagina pode ser traduzida, hoje, pelos custos sociais e ecológicos do uso predatório da natureza. Reconhecer essa leitura é um passo — pequeno, simbólico, mas necessário — para transformar a narrativa em ação: para que, daqui para frente, a peroba (e todas as árvores) não precisem “vingar-se” para que a sociedade

repense seu relacionamento com o meio ambiente.

Referências

CALIXTO, Marcela Furtado; GIMENEZ, Marcos; IMPERADOR, Adriana Maria. Environmental Education and Water Resources: National Legislation for Sustainability. *Brazilian Journal of Environmental Education*, [s. l.], v. 20, n. 5, p. 287–305, 2025. DOI: 10.34024/revbea.2025.v20.20215.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 5. ed. São Paulo: Editora da Revista do Brasil, 1919.

SOUZA SANTOS, L.; PEDROSO, N. A.; ORTH RITTER ANTIQUEIRA, L. M. Educação Ambiental, Sustentabilidade e Gestão de Resíduos Sólidos: percepções em Ponta Grossa, Paraná, Brasil. *Ambiente & Educação: Revista de Educação Ambiental*, v. 29, n. 1, p. 1–19, 2024.

LIMA, Glória Fernandes; DOS SANTOS, Hélcio Silva; VASCONCELOS, Sandro Olímpio Silva et al. A educação ambiental no ensino e na prática escolar: uma revisão abrangente. *Revista Sociedade Científica*, vol. 7, n. 1, p. 2141-2157, 2024. DOI: 10.61411/rsc202444017.

MOREIRA, Thaís Borges; SILVA, Wanderson Diogo Andrade da; LEITE, Raquel Crosara Maia. A educação ambiental diante da Base Nacional Comum Curricular: revisão da literatura. *Revista Educação em Páginas, Vitória da Conquista*, v. 3, p. e13823, 2024. DOI: 10.22481/redupa.v3.13823.